

A professora como fetiche: uma análise da revista nova escola como tecnologia de gênero

RESUMO

Ana Paula Rufino dos Santos
E-mail:
rufinos.anapaula@gmail.com
Pesquisadora independente

O presente artigo ocupa-se em seguir os passos de Michel Foucault pelo interesse em problematizar a questão do sujeito moderno. Neste caso, investiga “como” a experiência estética que a professora faz de si é capturada por dispositivos de gênero e coloca em evidência a ação dos dispositivos. Analisa os enunciados da revista Nova Escola enquanto um dispositivo pedagógico de gênero que coloca em circulação em seus enunciados, modos de ser professor/professora posicionados em polos opostos, onde o professor aparece como sujeito racional, enquanto a professora é disposta como sujeito mágico. Estas práticas discursivas operam tecnologias de gênero que normalizam atribuições ou características do campo da intuição ao sujeito do feminino e em contrapartida reafirmam o campo da racionalidade para o masculino.

PALAVRAS-CHAVE: Dispositivo pedagógico. Gênero. Sujeito. Tecnologia de gênero.

INTRODUZINDO A QUESTÃO

O presente artigo, ocupa-se em seguir os passos de Michel Foucault pelo interesse em problematizar a questão do sujeito quando busca problematizar a questão do sujeito moderno indagando “como” a experiência estética que a professora faz de si é capturada por dispositivos de gênero – “uma hegemonia das formas estáveis”, como propõem Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1997), coloca em evidência a ação dos dispositivos e enfatiza a experiência como uma possibilidade de diferença produzida no sujeito com vistas a reconstituir algumas linhas históricas e remontar o quanto possível à trama do estado atual.

Para Foucault (2006), as narrativas estabelecem o aparato de saberes que são produzidos pela modernidade com o objetivo de dominar os objetos sobre os quais fala. Marisa Vorraber Costa, em sua análise sobre o currículo, afirma que quando alguém ou algo é descrito, explicado em uma narrativa ou discurso, temos a linguagem produzindo uma realidade, “instituindo algo como existente de tal ou qual forma por quem tem o poder de narrar o outro, dizendo como está constituído, como funciona, quais atributos possui, e quem dá as cartas da representação é quem estabelece o que tem ou não estatuto de realidade” (COSTA, 2005, p. 42).

No caso da narrativa pedagógica, em diversos dispositivos culturais, tais saberes podem ser entendidos como práticas reguladoras e produtoras de subjetividades. E, nesse sentido, ao estudar o dispositivo pedagógico de gênero, estamos de alguma forma tratando de objetos, tecnologias e saberes históricos, imersos em relações de poder, produtores de subjetividades em um dado momento histórico.

A análise ora apresentada representa um exercício analítico de parte do arquivo da pesquisa de doutorado desenvolvida em 2018 no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, com financiamento CAPES. A pesquisa em tela elegera do conjunto de periódicos em circulação desde os anos de 1980 dirigidos ao segmento ocupacional do magistério, a Revista Nova Escola. A escolha levou em consideração a inserção e aceitação desse periódico no referido segmento e ainda as estratégias promocionais adotadas. O conjunto de documentos escolhido constitui textos da mídia impressa especializada: reportagens, matérias sobre professores da educação básica premiados em concursos anuais. Os documentos são analisados como um *corpus* heterogêneo composto por textos variados que compõem o discurso curricular da educação básica e textos que engendram o discurso cultural da mídia sobre o sujeito professor, e analisados como monumentos que descrevem a si próprios em sua articulação com outros discursos.

Elegemos do campo dos Estudos Culturais: pedagogia cultural, saber, poder, identidade; da teorização pós-crítica tomamos: gênero, cultura, discurso; da intermediação entre os dispositivos culturais: linguagem, identidade, e da Análise do Discurso: as categorias de discurso, enunciados, função enunciativa.

As escolhas teóricas e metodológicas nos ajudaram na construção de nossas categorias de análise, das lentes utilizadas para analisar como a experiência estética que a professora faz de si é capturada por dispositivos de gênero e coloca em evidência a ação dos dispositivos. Examina enunciados da revista Nova Escola enquanto um dispositivo pedagógico de gênero que coloca em circulação em seus

enunciados modos de ser professor/professora posicionados em polos opostos, onde o professor aparece como sujeito racional, enquanto a professora é disposta como sujeito mágico. Elegemos do campo dos Estudos Culturais: pedagogia cultural, saber, poder, identidade; da teorização pós-crítica tomamos: gênero, cultura, discurso; da intermediação entre os dispositivos culturais: linguagem, identidade, e da Análise do Discurso: as categorias de discurso, enunciados, função enunciativa, regularidades enunciativas, função-autor.

Em nosso caminho investigativo, situamos nosso objeto de pesquisa no campo dos Estudos Culturais, o que nos possibilitou conceber o currículo como uma narrativa e a cultura como uma prática social. Essa perspectiva nos permite situar a educação para além das questões restritas ao ensino propriamente dito didático, mas considerando as relações de poder e os processos de subjetivação. Levamos em consideração as teorizações do currículo, tanto na discussão pós-crítica no debate das questões relativas a gênero e cultura, como também no debate pós-estruturalista sobre a linguagem, identidade, na medida em que estamos analisando discursos sobre a professora ideal na perspectiva foucaultiana.

SUJEITO, SUBJETIVIDADE E REPRESENTAÇÃO

Nos estudos desenvolvidos por Michel Foucault sobre a ética do cuidado de si, o conceito de sujeito está sendo tomado distante do sentido de substância e diretamente ou fundamentalmente atrelado à experiência em devir: “É uma forma, e essa forma nem sempre é, sobretudo, idêntica a si mesma” (FOUCAULT, 2014a, p. 268).

Foucault (2014) defende uma educação predominantemente estética, apontando que nossas vidas deveriam ser orientadas de acordo com regras próprias. É nesse sentido que pergunta: “A vida de cada pessoa não poderia se tomar uma obra de arte?” De acordo com o pensamento de Michel Foucault, esse tipo de educação estética traria o surgimento de sujeitos autodeterminados. As formas de vida e as normas éticas assumiram uma característica estética.

A estética da existência, segundo aponta Jurandir Freire Costa (1995), se caracteriza por ser crítica e propor um modelo de experimentação. É crítica enquanto reconhece que os limites de saber e dispositivos de poder, sob os quais se situam nossa experiência, não são imutáveis e a própria experiência histórica aponta que os modos de proceder mudam. A escolha pelo estilo de vida, o trabalho de criação sobre a própria conduta, tem o papel de questionar o atual sistema de relações. A estética da existência se propõe como um modelo de experimentação, porque submete à prova tanto os limites impostos à experiência como a própria condição de sujeito que tais limites conferem. Criar a si mesmo é uma atitude experimental que produz uma transformação a partir dos limites e contingências que nos são impostos.

Ao estudar a ascese grega, aposta em seus últimos estudos em um tipo de relacionamento, aquele que o sujeito estabelece consigo mesmo como uma arma contra o poder moderno. Dizendo com Francisco Ortega (1999), trata-se de uma relação consigo que culmina na constituição de um sujeito-forma e não de um sujeito-substância – uma atividade desprovida de identidade. O sujeito-forma é um sujeito apontado para o processo de sua constituição, ou seja, um sujeito como atividade, em devir. “Um sujeito desse tipo exige uma atitude experimental

consigo e aponta para sua multiformidade histórica” (ORTEGA, 1999, p. 63). E sendo o sujeito uma forma, interessa pensar a constituição histórica das diferentes formas do sujeito em relação aos jogos de verdade por dentro das relações sociais que são de saber e poder.

Nesta esteira, o conceito de subjetividade se aproxima da perspectiva foucaultiana de algo produzido, moldado, fabricado em diferentes práticas discursivas, em relações heterogêneas de poder-saber. Nessas relações, os indivíduos são subjetivados de diferentes modos e passam a constituir a si mesmos como sujeitos.

Os modos de subjetivação, por sua vez, são todos os processos e as práticas heterogêneas por meio dos quais os seres humanos vêm a se relacionar consigo mesmos e com os outros como sujeitos de certo tipo (FOUCAULT, 2014a). São sempre situados e amplamente diversos, nos modos de existência que produzem, de acordo com a época e o tipo de construção social. Assim, entende-se que o conceito de subjetivação sugere pensar que as identidades são formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2000), bem como constituídas em muitas instâncias e espaços, a exemplo do escolar e do midiático.

Na análise de Jorge Larrosa, é possível afirmar que os estudos Foucault tentam relacionar as práticas pedagógicas em que constrói e modifica a experiência que as pessoas têm de si mesmos e faz isso ao estudar os mecanismos que "transformam o ser humano em sujeito" (LARROSA, 1994, p. 32).

Para o próprio Michel Foucault, a governamentalidade, enquanto arte de governar é entendida como um conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer tal forma específica e complexa, de poder e que tem como foco a população, como forma mais importante de saber, a economia política, como instrumento técnico essencial, os dispositivos de segurança. Em sua conceptualização, governo é o ponto de contato entre o modo como se dá essa condução e esse conhecimento e o modo pelo qual os indivíduos se conduzem e conhecem a si próprios. Para realizar esse tipo de análise, Foucault (2006, p. 305) destaca a importância de levar em conta não apenas as técnicas de dominação, mas também as técnicas do eu.

Rosa Maria Bueno Fischer (2001), em seu texto *Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV*, destaca a existência de uma íntima relação entre poder e subjetividade, entre poder e sexualidade nos estudos de Foucault. Relação que se apresenta frutífera nesta investigação, pela possibilidade de projetar outros conceitos, como de subjetivação, sujeito e saber, com o de poder no conjunto teórico do campo dos estudos de gênero.

Para Foucault, o sujeito é aquele que de alguma forma está submetido ao outro (por meio de relações de controle ou dependência) ou então a si mesmo, preso à sua própria identidade, mediante a prática do conhecimento de si, como afirmam Hubert Dreyfus e Paul Rabinow (2013, p. 235). No pensamento foucaultiano, estão em jogo, portanto, dois modos de entender o sujeito, que não se negam mutuamente, mas que evidenciam a complexidade do tema, tal como é tratado por Foucault: ao mesmo tempo em que o sujeito está sempre, de alguma

forma, submetido a relações de controle e dependência, está também permanentemente imerso em inúmeras práticas, nos diferentes espaços institucionais, em que é convocado a olhar para si mesmo, a conhecer-se, a construir para si verdades sobre si mesmo.

Fischer (2002, p. 154) aponta que essa forma complexa no modo de entender o sujeito – ao contrário do que uma crítica apressada a Foucault poderia sugerir – indica possibilidades de ultrapassar o controle e a dependência (que jamais são absolutos), justamente porque o voltar-se para si mesmo pode constituir-se uma linha de fuga (DELEUZE; GUATARRI, 1997), um “modo artista” de ser, em que a luta maior é justamente a luta contra “todas as formas de sujeição – contra a submissão da subjetividade” (DREYFUS; RABINOW, 2013, p. 236).

Para Fischer (2001), com quem concordamos, tal possibilidade articula-se ao fato de que os processos de subjetivação sempre são históricos e, portanto, devem ser vistos em sua ampla diversidade, nos modos de existência que produzem, conforme a época. Em outras palavras, os modos de existência, aprendidos nas mais diferentes dinâmicas de poder e saber, jamais são totalmente compactos e definitivos; pelo contrário, sempre há neles fissuras, espaços e possibilidades éticas e estéticas escapantes.

Nessa direção, ao estudar dispositivos pedagógicos de gênero em textos que movimentam escritos sobre o sujeito professor, intenta-se mergulhar em uma série de estratégias de linguagem que caracterizam o efeito pedagógico desses escritos como um local privilegiado de produção de efeitos de verdade sobre os sujeitos, no caso, do sujeito professor. Ou seja, interessa perseguir os atos discursivos de delineamento do sujeito professor. Na medida em que o sujeito e as identidades são uma construção histórica, social e linguística, e “o gênero é instituído através de atos que são internamente descontínuos, então, a *aparência da substância* é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização performativa” (BUTLER, 2008, p. 69, grifos da autora).

Na ótica de Judith Butler (2008), o conceito de performatividade desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é uma ênfase, de certa forma, mantida pelo conceito de representação, para a ideia de “tornar-se”, para uma concepção da identidade como movimento e transformação. Formulado inicialmente por Austin (1990), no conceito de performatividade a linguagem não se limita a proposições que simplesmente descrevem uma ação, uma situação ou um estado de coisas. Essas proposições fazem com que algo se efetive, se realize.

Na análise das questões de gênero, Butler (2008, p. 45) afirma que o gênero não é um substantivo, mas, tampouco é um conjunto de características flutuantes, pois seu efeito substantivo é performativamente “produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero”, isto é, constituinte de uma concepção de identidade *a priori*. Na medida em que as práticas reguladoras fixam o gênero no sexo sob uma correspondência de caráter essencialista, implicando numa subjetividade que corresponda à identidade de gênero instituída como correspondente, ou seja, nessa perspectiva, seria pensar em uma feminilidade direta e unicamente para o feminino. E acrescenta que no desafio de repensar as categorias de gênero fora da metafísica da substância, é mister considerar a relevância da afirmação de Nietzsche, em

“A genealogia da moral”, de que não há ser por trás do fazer, do realizar e do tornar-se; o fazedor é uma mera ficção acrescentada à

obra – a obra é tudo. [...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* construída, pelas próprias expressões tidas como seus resultados (BUTLER, 2008, p. 48).

Nessa direção, Tomaz Tadeu da Silva (1995) defende que a identidade cultural ou social é o conjunto daquelas características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos: aquilo que eles são. Ou seja, dizendo com Silva (1995, p. 47): “a identidade é construída por meio de variadas formas de representação”.

O conceito de representação, da forma como está sendo apreendida aqui, diz respeito a um processo cultural que, por sua vez, diz respeito às práticas de significação e aos sistemas simbólicos por meio dos quais se produzem significados, posicionando-nos como sujeitos, ou seja, ao produzirmos significados, damos sentido à experiência, ao que somos. Dizendo de outra forma, “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (SILVA, 2009, p. 17).

Assim, tal como defende Guacira Lopes Louro (1997), as representações são apresentações, são formas culturais de referir, mostrar e nomear um grupo ou um sujeito. A autora entende, portanto, que as representações dos sujeitos dizem algo sobre esses sujeitos, delineiam seus modos e traços, definem seus contornos, enfim, são formas culturais de referir-se aos sujeitos e de afirmar se um indivíduo pode ou não ser identificado como pertencendo a um determinado grupo, “as representações produzem sentido e certamente se transformam e se distinguem – histórica e socialmente” (LOURO, 1997, p. 99). Para a autora, com quem concordamos, as representações de professoras e professores dizem algo sobre esses sujeitos, delineiam seus modos e traços, definem seus contornos, caracterizam suas práticas. Essas representações “não são, contudo, meras descrições que refletem as práticas desses sujeitos; elas são, de fato, descrições que os constituem, que os produzem” (LOURO, 1997, p. 99).

Esses sentidos que as representações produzem são criações sociais múltiplas, pois diversos grupos e vozes desenham os sujeitos, que, por sua vez, se adaptam ou contrapõem a essa caricatura, ou seja, “os significados que as representações acabam produzindo não preexistem no mundo, mas eles têm que ser criados, e são criados socialmente, são criados através de relações de poder” (SILVA, 2009, p. 18).

OS DISPOSITIVOS PEDAGÓGICO E A PRODUÇÃO DOS SUJEITOS

Para Giorgio Agamben (2005, p. 164), o dispositivo se refere a um termo técnico decisivo na estratégia do pensamento foucaultiano. Foucault passa a usá-lo com frequência, sobretudo a partir da metade dos anos de 1970, quando começa a se ocupar daquilo que chamava de “governabilidade” ou de “governo dos homens”.

Para Foucault (2004), os discursos na sua condição de existência, que se dá a partir de uma série de procedimentos que controlam sua produção, determinam suas condições de funcionamento. No caso da narrativa pedagógica, em diversos dispositivos culturais, tais saberes podem ser entendidos como práticas reguladoras e produtoras de subjetividades. E, nesse sentido, ao estudar o dispositivo pedagógico de gênero, estamos de alguma forma tratando de objetos,

práticas e saberes históricos, imersos em relações de poder, produtores de subjetividades em um dado momento histórico

A noção de dispositivo, ao ser apresentada por Foucault (2006a), se complexifica na medida em que é a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regulamentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas, o dito e o não dito; estabelece a natureza do nexos que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Os dispositivos, na perspectiva foucaultiana, são vistos como práticas discursivas que obedecem a regras anônimas sobre o que se pode dizer ou não sobre a vida. Assim, ocorre lembrar que “um dispositivo pedagógico será qualquer lugar onde se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo” (LARROSA, 1994, p. 57) e a experiência de si, a correlação, em um corte espaço-temporal concreto, entre domínios de saber, tipos de normatividade e formas de subjetivação.

O sujeito é o que resulta do corpo a corpo entre os viventes e os dispositivos. Um mesmo sujeito, uma mesma substância pode ser o lugar dos múltiplos processos de subjetivação (AGAMBEN, 2005, p. 13). E propõe uma generalização do conceito foucaultiano de dispositivo: “Chamarei literalmente de *dispositive* qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2005, p. 13).

Este jogo de certa forma de captura da experiência possibilita engendrar o que estamos denominando de “dispositivos pedagógicos de gênero” – que instauram a produção de elementos da ordem do dizível e do enunciável, geram efeitos de sentido e enunciam as condições de produção do discurso, possibilitando uma analítica da subjetividade de gênero.

Neste sentido, a análise a seguir aproxima-se de uma analítica arqueogenealógica foucaultiana com vistas ao exame dos regimes de verdade sobre o sujeito professor para visualizar as redes de formação e de atuação do dispositivo pedagógico de gênero e suas implicações na regulação e modificação da experiência estética que professores e professoras da educação básica fazem de si mesmos – problematizada do ponto de vista da discursividade e da política dos corpos, da existência de uma maquinaria discursiva comprometida com a produção de subjetividades regida por dispositivos pedagógicos da experiência do eu, cujo objetivo seria a elaboração e a reelaboração de alguma forma de relação reflexiva do sujeito sobre si para fazer uma história da subjetivação.

Assim como defende Foucault (2000, p. 260), “a atividade investigativa requer a busca da singularidade dos acontecimentos, sobretudo, naquilo que não participa da história”, fazendo emergir o entendimento sobre os espaços onde desempenharam papéis distintos e/ou foram excluídos do discurso verdadeiro.

A MAGIA E A CIÊNCIA: ENUNCIADOS DA REVISTA NOVA ESCOLA

Para analisar os discursos, segundo a perspectiva de Foucault (2004), se faz necessário, antes de tudo, recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas, práticas bastante comuns quando se fala em fazer o estudo de um discurso, como explicita Fischer (2001, p. 198). Nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que

pisamos. Há enunciados e relações que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos.

Segundo Dreyfus e Rabinow (2013), o interesse de Foucault está em mostrar a inexistência de estruturas permanentes que são responsáveis pela constituição da realidade. Foucault desenvolve a analítica interpretativa, através da qual investiga a situação presente tendo como foco as práticas de subjetivação. Esse método busca a análise do que somos, sendo necessários, para isso, movimentos que se materializam como oposição às duas formas de sujeição identificadas: uma que consiste em individualizar-nos de acordo com exigências do poder e outra que consiste em prender cada indivíduo a uma identidade sabida e conhecida, bem determinada. As práticas discursivas atravessam e são atravessadas por um saber que perpassa os diversos níveis e estruturas institucionais, criando possibilidades de readequação ao/do contexto, através da atualização do discurso, partindo das condições abertas no campo.

Dito isso, a análise da cena a seguir está conformada nos interstícios de uma analítica arqueogenológica em Foucault, nos Estudos Culturais, nos estudos de gênero, contemplando elementos da análise de discursos e da análise cultural. Sendo assim, examinados em sua função enunciativa, nos aspectos da representação, da posição de sujeito e da performatividade.

Tocou a campã, intervalo.

Na sala dos professores, ao manusear revistas educacionais, lê-se a seguinte capa: *A Maga e suas fórmulas, com ingredientes singelos como crina de cavalo, terra e papel, a mestra Zuleica faz tintas e massa de modelar usadas em bonecos de boi-de-mamão*¹. A fotografia da professora Zuleica em meio a vários bonecos gigantes, outros artefatos coloridos produzidos e crianças participando do evento cultural do boi-de-mamão, uma variação do bumba-meu-boi nordestino. As cinco primeiras páginas da revista discorrem sobre o tema onde “A feiticeira mistura seus pozinhos”, vestida com um *tailleur* cinza e sentada por entre punhados de folhas e flores, conchas, cascas, resinas e dois grandes livros de capa dura e escura, bem espessa, e apresenta as sessões de receitas, segredos e transformações.

Outro exemplar, a imagem é de dois professores segurando um artefato produzido por eles, um cata-vento e um cortador de isopor, abaixo o título: *Brincando com a ciência*². A partir da décima página, sob o tema “Brinquedos verdadeiros”, seguem as sessões: material desenvolvido por dois especialistas e temas das próximas páginas.

Mais uma revista e dessa vez dispõe um desenho de duas figuras femininas onde uma levanta um pequeno menino nos braços para que alcance o quadro de giz e escreva “*a pata nada*” – sugerindo ser a mãe, enquanto a outra ao seu lado observa com uma batuta na mão e jaleco azul, supomos ser a professora. Abaixo se encontra a seguinte inscrição: *Pais x Professores, a difícil convivência na hora da alfabetização*³. O assunto é abordado por mães, professoras alfabetizadoras e diretoras escolares, evidenciando a necessidade de parceria entre a família e a escola de diferentes classes sociais.

O professor Raimundo (personagem midiático) é capa em outra revista, onde demonstra com as mãos o tamanho diminuto do salário

do professor e logo abaixo desta fotografia: *Salários, a sobrevivência cada vez mais difícil de uma categoria*⁴. Ao longo de seis páginas, o assunto é explorado por meio dos temas: salário, reivindicações, dificuldade financeira, sentimento de desvalorização social e profissional. Planejamento é a capa de outro exemplar... A campanha tocou! Acabou o intervalo, hora de voltar à sala de aula⁵.

A cena ora apresentada sugere uma engrenagem construída por enunciações onde a professora aparecesse como em *eclipse* – por de trás, em posição aparente, à sombra de uma nova proposta educacional, ou pelo cuidado com a aprendizagem, ou por novas questões sociais, ou pela necessidade de sobrevivência. Temos uma narrativa que reproduz uma espécie de arquétipo da “professora ideal” como um sujeito constituído por um conjunto de comportamentos e saberes, capaz de descrevê-la detalhadamente. Uma prática discursiva que revela sua individuação, atribuindo-lhe qualificações como a de especialista, ancorada em generificações como: sobrevivência, difícil convivência e salário, representando uma espécie de identidade.

Na cena, do conjunto de exemplares, dois chamam a atenção de modo especial, ainda que os demais mereçam apreciação pelos motivos relatados.

Escolhemos dar destaque às capas: “Brincando com a ciência” e “A Maga e suas fórmulas”. Tais enunciados se destacam por apresentar uma série de elementos discursivos que revelam um sistema de significação sobre o sujeito professor por meio de universalizações atribuídas e dirigidas de maneira diferenciada à experiência docente eleita como reportagem de capa.

Em ambos os casos, há uma ênfase para a importância de uma aprendizagem prazerosa por parte das crianças e do trabalho em equipe entre professores. Contudo, são enunciados que sugerem uma elaboração de formas de saber/ser que estetizam um ser professora pela forma como operam tecnologias de gênero que normalizam atribuições ou características do campo da intuição ao sujeito do feminino e em contrapartida reafirmam o campo da racionalidade para o masculino.

Na narrativa em questão, é possível perceber um binarismo de gênero que se revela nos enunciados da revista, sob forma de diversas estratégias de linguagem que caracterizam o efeito pedagógico desses escritos como um local privilegiado de produção de efeitos de verdade sobre o sujeito professor a qual funciona como um dispositivo pedagógico de gênero, pois, possui uma materialidade que implica em regras específicas para o dizer e para a sua repetição, numa relação de saber/poder.

Em uma revista, a experiência de professores de ciências é anunciada como a “construção do brinquedo verdadeiro”, abordando-a como produção de materiais didáticos identificados como sendo uma forma de “brincar com a ciência” que aproxima as crianças do conhecimento científico. Essa primeira publicação apresenta “o material desenvolvido por dois especialistas”, que exploram fenômenos científicos presentes no dia a dia das crianças. Em outro exemplar, a experiência da professora de artes aparece enunciada como sendo realizada por uma “maga das fórmulas”. Esta produz com as crianças diversos materiais para o ensino das artes e outras áreas, fazendo uso de materiais da natureza, como conchas, folhas, argila. É identificada como “a feiticeira [que] mistura os pozinhos” através de receitas para fazer arte sem segredos.

Os elementos que constroem um enunciado sugerem a presença de um binarismo de gênero entre professor/professora, na medida em que, enquanto em um exemplar o sujeito professor aparece carregado de positividade, legitimidade, pois se inscreve no campo do saber científico que evoca o enunciado e os sujeitos a quem se dirige – sujeito da educação, do campo do conhecimento. No outro exemplar o sujeito professor constituído pela professora tem seu significado construído trazendo a dimensão do mágico, encantado, distante deste lugar como conhecimento científico, obedecendo, assim, à construção sócio-histórica androcêntrica que produziu e edificou procedimentos de desqualificação do segundo termo, produzindo uma hierarquia entre eles.

Nessa perspectiva, arriscamos aventar que a pedagogia cultural da mídia opera mecanismos de elaboração de uma espécie de fetichização do currículo por seu caráter ambíguo, híbrido – sob um jogo de presença e ausência, se inscreve “entre o genuíno e o substituto, o mesmo e o diferente” (SILVA, 2006, p. 71).

Nesse sentido, o conceito de estereótipo em termos de fetichismo se revela como um jogo discursivo, como propõe Homi Bhabha (1998), quando defende que o fetiche representa o jogo simultâneo entre a metáfora como substituição, mascarando a ausência, e a diferença como a metonímia que registra continuamente a falta percebida e afirma que o mito da origem histórica, pureza racial, prioridade cultural, produzido em relação com o estereótipo colonial, teria na verdade a função de normalizar as crenças múltiplas e os sujeitos que constituem o discurso colonial.

Longe do sentido dado pela crítica social como algo desejável sem distinções essencialistas, o exame dos enunciados em questão indica a nomeação de certas práticas como sendo mágicas – aquelas relacionadas com as artes, em contrapartida àquelas inscritas na racionalidade científica. Ademais, situa e nomeia a professora no âmbito da fascinação, da ingenuidade, ao passo que inscreve os professores no campo da racionalidade, da lucidez, fazendo emergir uma espécie de binarismo de gênero, onde o sujeito professor masculino aparece como representação da racionalidade científica e o sujeito professor feminino evoca a subjetividade, os dois ocupando polos opostos e desconectos.

No tecido curricular, esse binarismo pode se revelar como uma prática fetichista do currículo ou “fetiche” no sentido medieval – práticas mágicas de grupos marginais relativas à religião dominante no processo da colonização. Essas práticas eram consideradas irracionais e passaram a receber tal designação como um sentido de inferiorização.

Fazendo uma relação com a cena em exame, vê-se uma escritura sobre o sujeito professor que desconsidera a ambiguidade em seu caráter produtivo e positivo e nega as características comuns nas áreas e formas de conhecimento, elegendo um estado natural do saber – os especialistas da ciência produzem o verdadeiro brinquedo, enquanto a maga e suas fórmulas mágicas mistura seus pozinhos.

O fetichismo aparece na cena pela arquitetura dos enunciados, fixando, assim, o lugar e o sujeito do conhecimento, obedecendo a uma ordem de legitimidade que se confirma pelo fetiche – o desvio, a ilusão, a intuição, o ilegítimo, criado na linguagem.

Voltando ao exemplo apresentado por Tomaz Tadeu da Silva (2006) dos diários de viagem dos exploradores, podemos afirmar que, assim como este material posto em circulação foi importante para consolidar para a coletividade as figuras do africano e da sociedade africana como místicas e irracionais, a circulação sistemática de enunciações sobre modos de ser professor/professora em posições binárias razão/intuição parece útil para a produção do sujeito professor a partir de uma hierarquização de gênero.

Por conseguinte, o estereótipo em termos de fetichismo pode se mostrar eficiente para posicionar professor e professora em polos opostos, como mostrado na cena examinada, onde o professor aparece como sujeito racional, enquanto a professora é disposta como sujeito mágico. Isso tem implicações profundas nos processos de subjetivação, além de ser útil e eficaz na fixação das identidades e suposição de subjetividades.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No âmbito desta análise e retomando a cena, apesar de sujeitos à mesma ação subjetivadora e construtiva de narrativas, o professor (homem) acaba por ocupar repetidas vezes nas táticas de representação a racionalidade e a objetividade. A imagem do masculino surge associada às tecnologias ou como representante de áreas com elevado prestígio social, numa atitude analítica ou numa postura eloquente e diretiva.

Em contrapartida, na cena ora examinada, a figura da professora surge descrita empregando-se mecanismos discursivos que colaboram com o fortalecimento de uma relação do feminino com a afetividade, a intuição, a habilidade manual, a sensibilidade, promovendo uma espécie de dissociação do feminino das instâncias públicas de controle e protagonismo social.

Há uma divergência na forma de enunciar o sujeito professor que aponta para uma camuflagem da condição de gênero inscrita na dinâmica dos processos educacionais e na vida escolar, tendo em vista que essa participação é majoritariamente feminina. Uma enunciação que confirma visão polarizada dos sexos e que tem em sua base um discurso de manutenção das relações hierárquicas de gênero – com o masculino situado na racionalidade e o feminino na intuição: “Brinquedos verdadeiros” *versus* “A feiticeira mistura seus pozinhos”.

Desta forma, dizendo com Costa (2000, p. 81), embora lado a lado na mesma profissão, professores e professoras são atingidos diferentemente nesta política de identidade. Ambos são sujeitos do discurso construído dentro de um aparato de poder que contém um “outro” saber – que é retido e fetichista e circula através do discurso, como aquela forma limitada de alteridade denominada estereótipo.

Aventa-se afirmar que a revista, ao fazer deferência e ênfase a certos modos de ser professor e de ser professora, “acaba por produzir, com regularidade e suposta legitimidade, um padrão social de referência” (COSTA, 2000, p. 81). Ou seja, ao promover um sujeito professor “desejável” e exposto como universal e verdadeiro, ideal e perfeito, opera com práticas discursivas que incitam a autossujeição de si mesmos, onde cada um é agente de sua própria sujeição. Constitui-se como uma prática de incitação sob um caráter de neutralidade nada incisivo ou coercitivo, ao contrário, se revela como uma tecnologia do eu por sua influência sobre a vida dos sujeitos de forma prazerosa, atraente e sugestiva.

Estas práticas discursivas se constituem tecnologias de gênero que produzem subjetivação, por fazer uso de estratégias diante da sociedade e de seus interlocutores, articulando seu estatuto de legitimação – são especialistas, matérias e cartas que as credenciam como produtoras de saberes e verdades, como propõe Costa (2000, p. 80), ao passo que se utilizam da estratégia de hierarquização de gênero ao construir enunciações de professores/professoras como sujeitos pertencentes a polos opostos na relação de saber/poder por dentro do aparato educacional. O aparato é essencialmente de natureza estratégica, o que significa presumir que se trata de uma cerra manipulação de relações de forças, seja desenvolvendo-as em uma direção particular, ou bloqueando-as, estabilizando-as, utilizando-as etc. Foucault (1996) diz que o aparato seria sempre inscrito em um jogo de poder, e sempre ligado a certas coordenadas do saber que provém dele, mas que, em igual medida, o condicionam. É nisto que consiste o aparato: “estratégias de relações de forças que apoiam e se apoiam em tipos de saber. A relação de saber e poder no interior do aparato será sempre uma resposta estratégica a uma necessidade urgente em um dado momento histórico” (idem, p. 43).

Nessa perspectiva, assim como o fetichismo através dos relatos dos viajantes europeus possibilitou a criação de uma explicação estereotipada sobre os padrões e princípios da sociedade africana, os escritos na revista Nova Escola produzem verdades organizadas de modo a se constituírem, como assevera Costa (2000, p. 78), em “práticas com propriedades prescritivas, moldadoras e fixadoras”, investidas na criação de uma representação de professor e de professora com uma narrativa que naturaliza e fortalece conexões simplificadas entre a docência e as questões de gênero.

The teacher as a fetish: an analysis of the magazine nova escola as gender technology

ABSTRACT

This article is concerned with following in the footsteps of Michel Foucault for his interest in problematizing the issue of the modern subject. In this case, it investigates “how” the aesthetic experience that the teacher makes of herself is captured by gender devices and highlights the action of the devices. It analyzes the statements of the Nova Escola magazine as a pedagogical gender device that puts into circulation in its statements ways of being a teacher positioned in opposite poles, where the teacher appears as a rational subject, while the teacher is disposed as a magical subject. These discursive practices operate gender technologies that normalize attributions or characteristics of the field of intuition to the subject of the feminine and in return reaffirm the field of rationality for the masculine.

KEYWORDS: Pedagogical device. Genre. Subject. Gender technology

El maestro como fetish: un análisis de la revista new school como tecnología de género

RESUMEN

Este artículo se preocupa por seguir los pasos de Michel Foucault por su interés en problematizar el tema del sujeto moderno. En este caso, investiga “cómo” la experiencia estética que la docente hace de sí misma es captada por los dispositivos de género y resalta la acción de los dispositivos. Analiza los enunciados de la revista Nova Escola como un dispositivo pedagógico de género que pone en circulación en sus enunciados, formas de ser docente posicionado en polos opuestos, donde el docente aparece como sujeto racional, mientras que el docente se dispone como sujeto mágico. Estas prácticas discursivas operan tecnologías de género que normalizan atribuciones o características del campo de la intuición al sujeto de lo femenino y, a cambio, reafirman el campo de la racionalidad para lo masculino.

PALABRAS CLAVE: Dispositivo pedagógico. Género. Tema. Tecnología de género

NOTAS

¹ Fonte: Nova Escola. A revista de quem educa. Edição 116, 1998.

² Fonte: Nova Escola. A revista de quem educa. Edição 103, 1997.

³ Fonte: Nova Escola. Fundação Victor Civita. Edição 22, 1988.

⁴ Fonte: Nova Escola. Fundação Victor Civita. Edição 54, 1991.

⁵ A cena ora em exame configura a escolha definitiva do arquivo a partir de um exercício analítico da pesquisa. A pesquisa em tela elegeu para análise um conjunto de periódicos em circulação entre os anos de 1980 e 1990 dirigidos ao segmento ocupacional do magistério a Revista Nova Escola.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Revista Outra Travessia**. Santa Catarina, n. 5, p. 9-16, 2005.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CASTRO, Eduardo de. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. O sujeito em Foucault: estética da existência ou experimento moral? **Tempo Social Revista Sociológica**. São Paulo, n. 6, p. 121-138, 1995.

COSTA, Marisa Vorraber. **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo?** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1990.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação da mulher: uma teoria sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, UFSC, v. 9, n. 2, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Uma análise foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação da cultura. **Currículo sem Fronteiras**. Porto Alegre, UFRGS, v. 2, n. 1, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. **Revista Brasileira de Educação**, Porto Alegre, UFRGS, v. 14, n. 40, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: O nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos IV. In: MOTA, Manuel Barros da (Org.). **Estratégia, Poder e Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos V. In: MOTA, Manuel Barros da (Org.). **Ética**: sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos IX. In: MOTA, Manuel Barros da (Org.). **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação**: introduções a conexões a partir de Michel Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HERMANN, Nadja. **Ética e Estética**: a relação quase esquecida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **O Sujeito da Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 35-86.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**. Trad. J. Guinsburg. Coleção obras de Nietzsche. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Recebido: 14/04/2020.

Aprovado: 17/11/2020.

DOI: 10.3895/cgt.v14n44.11981.

Como citar: SANTOS, Ana Paula Rufino dos. A professora como fetiche: uma análise da revista Nova Escola como tecnologia de gênero. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 232-247, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Ana Paula Rufino dos Santos

Av. Acadêmico Helio Ramos, s/n, Cidade Universitária, Recife, Pernambuco, Brasil.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

